

A COMUNA

ANO V—SÉRIE II

SEMANARIO COMUNISTA ANARQUISTA

N.º 94 (184)—28-12-924

PREÇO: CONTINENTE e ILHAS, \$30—AFRICA, \$40—ESTRANGEIRO, \$65

Redactor principal:
Clemente V. dos Santos
Editor:
António José d'Almeida

PROP. DO GRUPO EDITOR DE A COMUNA
RED. e ADM: Rua do Sol, 131—PORTO
CORR.: APARTADO 17—PORTO

Administrador:
José Rodrigues Reboredo
Comp. e imp. na Tip. A INTERMEDIARIA, Porta do Sol, 13

AFIRMAÇÃO DE PRINCIPIOS

A condenação da autoridade

Como princípio fundamental e base essencial das doutrinas anarquistas consideramos nós a negação de toda e qualquer forma de autoridade, seja ela exercida lá por quem fôr, e em nome do que fôr, pois que é a esta mesma ideia que está ligada a própria etimologia da palavra.

Como anarquistas convictos condenamos, pois, indistintamente, todos os governos, não só por vermos neles os defensores por excelência de todos os privilégios agora existentes, mas também porque, defendendo eles sempre um certo programa e uma determinada forma de organização social, hão-de contrariar infalivelmente, com todo o poder de que possam dispor, o aparecimento e o desenvolvimento de novas ideias e de novos costumes, tornando-se, por conseguinte, um sério e perigoso obstáculo à marcha do progresso e da civilização.

Além disso, consideramos também falsa e errônea a base em que se apoiam todos os argumentos dos que pretendem defender a necessidade da sua existência.

E' partindo do princípio de que os homens são estúpidos, «egoístas» e malvados, e portanto incapazes de se orientarem, e viverem em harmonia uns com os outros, que os defensores do autoritarismo terminam por concluir que se torna necessária a existência dum poder forte, que a todos oriente, dirija e harmonize.

Ora, mas como é este poder forte tem de ser exercido também por outros homens, acontece que a afirmação acima feita, dum modo geral, está perfeitamente em contradição com a conclusão tirada em seguida, pois que, se os homens são incapazes de se dirigirem e orientarem a si próprios como

poderá haver alguns, não só capazes de fazerem tudo isto, mas ainda de orientarem e dirigirem os outros?

Para que isto pudesse ter uns certos visos de realidade, seria necessário admitir, então, que ao lado dos homens malvados e inconscientes existia sempre uma minoria inteligente, bondosa e consciente, formando como que uma classe distinta de homens, cuja missão seria a de servirem de poder moderador entre os ferozes e os semelhantes?

Mas, posta a questão nestes termos, vê-se logo surgir a dificuldade insuperável de a resolver racionalmente, visto ser completamente impossível fazer uma separação exacta e verdadeira entre os «bons» e os «maus», não se podendo, por conseguinte, fazer uma escolha acertada daqueles que são por natureza predestinados a servirem de guias ou pastores do rebanho humano.

Recorrendo-se à votação, é a maioria «estúpida, má e ignorante» que se torna árbitra da situação, fazendo, está claro, nestas condições, a escolha dos melhores em relação com a sua mentalidade. Se, ao contrário, se deixar que os «bons» se escolham por si mesmos, acontecerá que, em vista da inconsciência do maior número, serão os mais audaciosos — e talvez os piores — que, apresentando-se como modelos de virtude a seguir, conseguirão galgar as cadeiras do poder, e servir-se depois da sua situação privilegiada para darem ampla expansão a todos os seus sentimentos e paixões ruins.

E então veremos (tal como sucede presentemente) uma instituição que, criada com o fim de remediar um certo mal, tornar-se por sua vez, em vista da

sua estrutura, falsa e defeituosa, uma fonte de males ainda muito maiores do que aqueles que pretendia remediar; porquanto, se os homens se prejudicam uns aos outros, quando abandonados às suas próprias forças, que mal não farão aqueles, em cujas mãos se deponha o poder de dispor da vida e da liberdade de todos os seus semelhantes?

Acreditamos, que se os Neros, os Ivans e todos os grandes bandidos coroados de grande nomeada na história, tivessem nascido entre o povo também teriam dado que falar pelos seus maus instintos e pelas suas acções criminosas; mas também estamos plenamente convencidos de que nestas últimas condições não teriam praticado a millionésima parte do mal que fizeram, por gozarem da imunidade que lhes conferia o poder.

* * *

A acrescentar a estas razões condenatórias do princípio autoritário ainda temos uma outra de ordem psicológica: que é a de que o uso do poder perverte, corrompe e modifica o carácter de todos os indivíduos, ainda os mais puros; de forma que ainda mesmo que se chegasse, por qualquer forma, a fazer a tal selecção dos «melhores espécimens da espécie humana», estes, em breve, embriagados pelo poder, e atacados de cesarite, estragar-se-iam moralmente, tornando-se incapazes de se desempenharem cabalmente da tarefa de que haviam sido incumbidos.

* * *

Presumindo o que acima deixamos dito, concluímos, pois, que é necessário que desapareça para felicidade da espécie humana do seio da sociedade toda e qualquer forma de autoridade, por ser esta incompatível com o progresso social e com a dignidade do indivíduo, e sobretudo porque pela sua constituição em vez de fazer desaparecer, ainda mais agrava os males que pretende debelar.

E como é a própria instituição, e não aos homens que a constituem, que nós condenamos absolutamente, está claro, que a nossa atitude perante todas as formas de governo será sempre da mais irredutível oposição — isto quer este seja exercido pela classe burguesa, quer em nome do proletariado.

A. BOTELHO

RECORDANDO UMA TRAGÉDIA

Três Anos

FAZ AMANHÃ, QUE UMA
EXPLOÇÃO TRAIÇOEIRA,
ROUBOU A VIDA A TRÊS
DEDICADOS CAMARADAS

Amanhã, 29 de Dezembro, faz três anos que no velho casarão da Calçada do Combro, uma medonha explosão tirou a vida a três jovens camaradas e deixou horrorosamente mutilados mais quatro.

A recordação da tragédia traz-nos à mente a noção do ambiente que então se vivia. Nos bastidores das hostes conservadoras, trabalhava-se afanosamente por conseguir um acto revolucionário que desse êxito aos seus desejos. Toda a gente sabia o que se tramava na sombra. Era preciso preparar a resistência, de maneira a subjugar as infames pretensões das hordas reaccionárias.

Esse punhado de jovens compreendeu bem a gravidade da situação, e, com sacrifício da própria vida, não vacilou um só momento em se entregar denodadamente na grande obra de preparação da defesa. Um desastre horrível não permitiu que eles prosseguissem num trabalho, mau na aparência, mas sublime nos objectivos. Três vidas tombaram, para sempre, e com elas três valiosos camaradas.

Recordar hoje o que foi essa tragédia, não representa lamentarmos-nos. A luta revolucio-

nária tem destes aspectos, com os quais há sempre que contar.

Os acidentes desta natureza, não podem nem devem amortecer as nossas energias. Muito pelo contrário, devem constituir um incentivo para continuarmos mais denodadamente na luta.

A melhor forma de se manifestar o preito de consideração pela obra dum morto, é continuar essa obra. E' o que hoje nos cumpre fazer.

E' preciso prosseguir na obra revolucionária que há três anos

juntou esses sete camaradas, afirmando, com a nossa acção, que a sua obra de ontem é a mesma que a nossa de hoje. Que os nossos objectivos são os mesmos que os seus; que, como eles, estamos dispostos a dar o maior sacrifício em prol do maior bem-estar da humanidade; finalmente: que, como eles, estamos prontos a continuar inabalavelmente na luta sem tréguas por esse acontecimento único na história dos povos: a Revolução Social.

F. A. M.

Tribuna livre

—Revolucionários Sociais—

SÃO TODOS AQUELES QUE, NUM SENTIDO DE PERFEIÇÃO, PRETENDEM A TRANSFORMAÇÃO SOCIAL. OS MEIOS A EMPREGAR NÃO PODEM INFLUIR NO SIGNIFICADO DO TERMO.

Revolucionário social é, quanto a nós, todo aquele que, por um desejo natural de perfeição social e por temperamento bondoso, deseja que a sociedade se transforme, tornando-se tanto mais perfeita, quanto possível for.

Divergirão os meios a empregar assim como podem também não ser iguais os fins a atingir. O que existe, no entanto, é uns objectivos básicos perfeitamente idênticos:—fazer desaparecer a Sociedade Capitalista, baseada no princípio da força contra a razão, e das suas ruínas fazer surgir uma sociedade melhor.

Poderá o revolucionário exercer a sua acção no terreno da violência, como pode também actuar no gabinete, na tribuna, na imprensa; porém, toda esta acção tem um objectivo comum. Na luta social, cada um ocupa o posto que lhe é marcado pelas suas condições culturais, de temperamento, de situação, etc.

Os fins propriamente a atingir pelas várias tendências sociais, divergirão e poderão ser em grau de mais ou menos perfeição, o que lhes não nega a semelhança de desejos e aspirações existentes entre si.

Vulgarmente nós ouvimos designar como sociais, única e exclusivamente aqueles que se tem revelado na luta violenta, como se de facto só eles o fossem.

E' uma má interpretação, que, como todas, urge desfazer.

Recentemente o dissemos e hoje ratificamos:—a Revolução Social não depende duma bom-

ba, nem do cano duma pistola; a sua realização está dependente duma metódica, persistente, moral e bem em comum efectivação dos vários meios de acção, propaganda e organização. Para se atingir a preparação que desejamos, é preciso conduzir numa linha de bom entendimento todos estes factores dum movimento revolucionário.

Por consequência, todos os elementos que actuam consoante estes variados aspectos são revolucionários sociais, e são porque, completando-se tal qual a engrenagem duma máquina pretendem o seu objectivo máximo:—a Revolução Social.

Isoladamente, quase nada ou mesmo nada fariam de facto, só o conseguindo com a acção estudada e realizada em comum.

Nada melhor do que uma greve nos reproduz nitidamente a necessidade duma acção em conjunto de todas estas formas de luta. A greve não seria só possível com o sacrifício de vida dos que violentamente actuam, como também o não seria, com a boa vontade e esforço daqueles de espírito organizador que trabalham no seio dum gabinete. A greve, como a Revolução, necessita de todos. Desde o que metodizadamente organiza uma classe, aquele outro que com uma oratória impulsiva lhe anima o fogo da revolta e consequente persistência na luta, até ao que violentamente a defende dalguma mais forte arremetida e

dalgum ataque traiçoeiro. Uma necessidade de luta os faz encontrar e lhes gera laços de entendimento, de cujos laços depende, na maioria dos casos, o bom êxito dessa acção.

A revolução está em igualdade de circunstâncias. Para a realizar é preciso, desde o gabinete de organização que estabelece linhas de relações, destinadas a desenvolver, até à imprensa que, com a propaganda, traz ensinamentos novos às massas e com as campanhas de agitação as subleva e interessa nos assuntos; desde o estrado do comício que traça a directriz da luta e avalia as forças revolucionárias até à barricada em que se defendem ideias.

A uniformidade e bom entendimento de todos a tornará possível, da mesma forma que a sua desagregação a retardará.

Não podem restar dúvidas que todos são revolucionários, desde que em todos se encontra o mesmo desejo e a mesma aspiração.

Quer empregando um meio como outro, uma ideia fervilha no cérebro de todos:—fazer a Revolução e que ela seja o início duma Sociedade em que toda a Humanidade, há séculos sofrendo o peso duma feroz tirania, possa enfim ser livre.

F. ALMEIDA MARQUES.

Postais subversivos

A pátria! Sabido que a esta designação anda ligada a ideia de rapina, de morte e destruição, como pode um homem justo, humano e carinhoso, ser patriota?

A primeira pátria foi o direito iníquo do mais forte. Dominando o mais fraco, espetou lá um farrapo vil chamado bandeira, e proclamou:—«Obedecei! Sou eu que mando! Dito eu a lei!» E o mais fraco, porque era fraco, submeteu-se...

O homem justo e digno tem esta pátria: o vasto globo em que habita. Porque a outra pátria, a pátria mesquinha onde dominam os grandes, é a dor, a fome, a tortura dos humildes.

Já fui patriota. Era no tempo em que a inconsciência me manietava. Agora, que já sei raciocinar, a minha pátria é o mundo, e a minha família é toda a Humanidade!

GONÇALVES CORRÊA.

Chave do Esperanto

Preço, \$30

OS POBRES

E' vulgar dizer-se que os pobres são agradecidos, quando os socorrem.

Pode ser que alguns o sejam; mas os mais inteligentes, não. São ingratos, descontentes, insubmissos, rebeldes. E tem razão para isso. Compreendem que a caridade não é mais do que um meio vão e miserável de restituição, ou, quando muito, uma prática sentimental, amiúde acompanhada de impertinentes perguntas sobre a vida particular.

Os pobres não de ser agradecidos pelas migalhas que caem da mesa dos ricos? Se eles entram a perceber que o mais natural seria sentarem-se a ela... Só os estúpidos suportarão, com ar de satisfeitos, esta vida de privações. E se os pobres são insubmissos e rebeldes, nada mais natural: a rebeldia é uma virtude primordial aos olhos de quem estuda a história. Só pela desobediência e pela rebeldia se tem realizado os progressos.

Recomenda-se aos pobres que sejam económicos. Mas, recomendar-lhe economia, é ser, ao mesmo tempo, insolente e grotesco; é como se dissessemos ao faminto:—homem, convinha que fosses um pouco mais sóbrio.

Se os operários das cidades e das povoações rurais economizassem, equivaleria isso a reconhecerem que podiam contentar-se com uma alimentação insuficiente. E o seu dever é oporem-se a tal monstruosidade.

Um pobre ingrato, indócil e rebelde, é um homem lógico. Ao menos mostra valor pessoal. E em todo o caso é um protesto permanente.

Quanto ao pobre virtuoso, compadeçamo-nos dele, mas não o admiremos. Transigiu com o inimigo e vendeu o seu direito de primogenitura por um prato de lentilhas. E' um ser incompleto.

OSCAR WILDE.

Centro Comunista

Libertário do Pôrto

Por motivo imprevisto, não se realizou na passada sexta-feira, dia 26, a conferência pelo nosso camarada Serafim Lucena. Será efectuada na primeira quinzena de Janeiro próximo, em dia que oportunamente se anunciará.